

O MANIFESTO COMUNISTA E A DIALÉTICA SEM SÍNTESE DE MERLEAU-PONTY

[THE COMMUNIST MANIFESTO AND THE DIALECTIC WITHOUT SYNTHESIS OF MERLEAU-PONTY]

Iraquitán de Oliveira Caminha

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba (1988). Graduado em Psicologia pelos Institutos Paraibanos de Educação (1990). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (1995). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (1996). Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain (2001). Atualmente, é professor-pesquisador do Departamento de Educação Física, do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Pernambuco/Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Autor dos livros O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty (Editora da UFPB, 2010), Escritos diversos no universo do corpo, educação, psicanálise e filosofia (LiberArs 2015), 10 Lições sobre Merleau-Ponty (Vozes, 2019) e de vários artigos e capítulos de livros sobre Corpo, Educação, Psicanálise e Filosofia.

(E-mail: caminhairaquitán@gmail.com)

Recebido em: 28 de fevereiro de 2019. Aprovado em: 17/03/2019

O *Manifesto Comunista* e a dialética sem síntese de Merleau-Ponty

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira

Resumo: Em 21 de fevereiro de 1848, foi publicado pela primeira vez em Londres o *Manifesto Comunista*, escrito por Marx e Engels. Quando escreveram o manifesto, os dois parceiros estavam exilados na Bélgica. Eles dirigiam uma organização internacional chamada de “Liga dos Comunistas”. Esse documento foi produzido para orientar a classe operária na sua missão revolucionária. Não fazia sentido apenas compreender o mundo, era preciso transformá-lo. Em 2018, sob a coordenação do professor Marcos Érico de Araújo Silva da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), foi realizado um evento em que foram comemorados os 200 anos de nascimento de Karl Marx e 170 anos do *Manifesto Comunista*. Na ocasião, fiz uma fala sobre o *Manifesto Comunista* e o modo de conceber a dialética de Merleau-Ponty. Irei retomar essa fala aqui com o objetivo de analisar como a dialética sem síntese de Merleau-Ponty pode ser usada como referência para se pensar esse *Manifesto* e apontar um horizonte para sua atualidade.

Palavras-chave: Manifesto Comunista. Dialética. Merleau-Ponty.

Abstract: On February 21, 1848, the Communist Manifesto, written by Marx in Engels, was published for the first time in London. When they wrote the manifesto, the two partners were exiled in Belgium. They ran an international organization called the "Communist League." This document was produced to guide the working class in its revolutionary mission. It made no sense just to understand the world, it had to be transformed. In 2018, under the coordination of professor Marcos Érico de Araújo Silva from Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), an event was held in which 200 years of Karl Marx's birth and 170 years of *Communist Manifesto* were celebrated. At that time I gave a talk on the *Communist Manifesto* and the way of conceiving the dialectic of Merleau-Ponty. I will return to this speech here with the aim of analyzing how the dialectic without synthesis of Merleau-Ponty can be used as reference to think this *Manifesto* and to point a horizon for its present.

Keywords: Communist Manifesto. Dialectic. Merleau-Ponty.

O *Manifesto Comunista* e a dialética sem síntese de Merleau-Ponty

CAMINHA, Iraquitán de Oliveira

As primeiras palavras do *Manifesto Comunista* (MARX; ENGELS, 2010) são para dizer que um espectro comunista ronda a Europa. Decorre disso que o comunismo passa a ser reconhecido como força por todas as potências da Europa. Esse espectro não poderia ser um fantasma. Precisaria que os próprios comunistas se posicionassem sobre seu modo de ver o mundo. Reunidos em Londres, o documento foi produzido e publicado em francês, inglês, alemão, italiano, flamengo e dinamarquês.

Uma tese aparece como central no *Manifesto*: a história de todas as sociedades tem sido a história das lutas de classe. As organizações sociais se estabelecem sempre a partir de conflitos entre classes distintas. De um lado, a sociedade burguesa, que surgiu das ruínas da sociedade e feudal. Do outro, encontra-se a classe proletariada fruto das formas de opressão imposta pela classe burguesa. Visualizamos dois pólos. O antagonismo está exposto.

Os burgueses livres e criadores das primeiras cidades são derivados dos servos da Idade Média. A descoberta da América e circunavegação da África formam elementos fundamentais para a ascensão dessa classe. Os mercados da China e Índia, bem como a colonização da América e o comércio derivado dessa colonização são os responsáveis históricos pelo fortalecimento da classe burguesa. Novos mercados, novas classes sociais. O vapor e as máquinas revolucionaram a produção industrial. Da burguesia nascem os milionários da indústria. O mercado tornou-se mundial. A produção e o consumo se tornaram cosmopolita. O mundo é recriado segundo a imagem e a semelhança do modo burguês de ver o mundo. Os governos modernos não passam de comitês para gerir os negócios da burguesia. É a liberdade do comércio que impera.

A burguesia com sua indústria e seu mercado globalizado cumpriram um papel revolucionário de superação da Idade Média. O campo ficou submetido à cidade. Tudo que era sólido e estável, agora se esfuma. Tudo que era sagrado, agora se torna profano. Todavia, ela instaurou vínculos monetários que passou a explorar de maneira aberta, cínica, direta e brutal a classe proletária. Chegamos até aqui ao tema da divisão e da exploração de classes.

Podemos aqui recorrer ao sentido de dialética numa perspectiva histórica para pensar o tema da luta de classes. Se a filosofia se propõe pensar a totalidade da história, ela precisa recorrer ao modo de pensar dialético. Duas coisas são determinantes nesse modo de pensar: movimento e contradição. Nesse sentido, a história tem sempre reviravoltas e qualquer tema examinado precisa ser acompanhado de seu contraditório. Propor qualquer entendimento da história do ponto de vista político exige um modo de pensar dialético. Não podemos examinar um acontecimento isolado nem tampouco considerar a história como refém da inércia.

Do lado da classe operária, fica constatado que só pode viver caso se consiga trabalho. Por outro lado, os burgueses só se mobilizam para criar postos de trabalhos se houver aumento de capital. Qualquer ameaça de não haver aumento de capital, a saída é intensificar a exploração por meio da destruição de forças produtivas ou conquistar novos mercados. Os operários se tornam mercadorias. Eles passam a ser artigo de comércio como qualquer outro. Com o surgimento das máquinas eles passam a ser um simples apêndice delas.

O Manifesto Comunista e a dialética sem síntese de Merleau-Ponty

CAMINHA, Iraquitán de Oliveira

Para superar a divisão de classes e a exploração do proletariado pelos burgueses só tem uma alternativa: luta de classes. Nessa luta, o proletariado assume um papel revolucionário. Somente essa classe carrega em si o futuro. Todos os movimentos revolucionários são realizados pela minoria explorada. São os oprimidos que realizam a revolução para destruir os opressores. Os burgueses se afirmam pela acumulação do capital e o proletariado pela força de seu trabalho. O proletariado pode substituir a competição entre si em busca de trabalho pela união revolucionária. É preciso uma consciência de classe para que seja possível constituir-se como revolucionário e, desse modo, formar um partido político comunista. Isso não quer dizer que não exista outros partidos operários, mas nenhum deles assumem a força revolucionária como o partido comunista.

Sinto a necessidade de me posicionar. Não posso somente expor o *Manifesto*. Particularmente, não me vejo como um homem filiado a um partido e muito menos comunista. Mas penso que é necessário haver liberdade para que as pessoas possam se organizar como partido comunista. O que fazer com a oposição? O que fazer com os que pensam de maneira diferente? Vejo-me defendendo a liberdade de organização e de expressão política. A luta daqueles que pensam de maneira diferente tem limites? Eles podem usar de todos os meios para alcançar seus propósitos? O lugar de onde falo não é só da política, mas da filosofia política. O filósofo precisa ter um compromisso com a liberdade e a verdade. É por essa razão que Merleau-Ponty (2016) inicia suas reflexões sobre a dialética em seu texto *As aventuras da dialética* falando sobre a liberdade e a verdade em Max Weber.

Segundo Merleau-Ponty (2016, p. 1), para Weber, “a verdade e a liberdade são de ordem diferente da luta e não podem subsistir sem luta”. Essa frase é para expressar que Weber é fiel ao espírito de investigação e ao conhecimento e que, por essa razão, é um liberal. Ele é um liberal, no entendimento de Merleau-Ponty, de um tipo novo que admite que a verdade deixe sempre uma margem de sombra, fazendo com que a história seja palco de violências. A história é ação. Mas para compreender essas ações é preciso apelar para tipos, ideias ou significações para que seja possível passar da ordem dos fatos para a do saber dos fatos. Os fatos só ganham vida histórica quando são narrados seguindo um entendimento. A história exige um pensar para decifrar ou traduzir o vivido.

A história exige entendimento, uma perspectiva de construção racional dos fatos históricos. Essa construção revela uma pluralidade de possibilidades interpretativas. Aqui nasce o que Merleau-Ponty define como a crise de entendimento. Não se consegue fazer generalizações sobre a história sem a construção de um referencial de análise. Temos do lado de Weber uma compreensão de que o trabalho deve ser pensado como algo livre, sagrado voltado para a economia de mercado que dignifica o ser humano. As éticas protestante, calvinista ou puritana conseguem dar sustentação a concepção de que o trabalho é fonte e ascese humana em direção a Deus. O foco é a liberdade individual abençoada por Deus. De outro lado, temos o trabalho visto como atividade de exploração de uma classe por outra. O capitalismo gera uma condição de exploração em que o capital se sobrepõe ao trabalho, levando o operário a ter uma vida miserável voltada para aumentar o capital da classe dominante.

O capitalismo, ao dominar a vida econômica, gera o espírito que determina os modos de vida de empresários e trabalhadores. O modo de ver o mundo capitalista junta religião e economia. A geração de sistemas de vidas precisa ser interpretada livremente. A

O *Manifesto Comunista* e a dialética sem síntese de Merleau-Ponty

CAMINHA, Iraquitana de Oliveira

história não trabalha com um modelo único. Ela é o advento do sentido do tempo criado pelas relações humanas. Esse advento comporta uma estrumação dos fatos narrados de modo dialético. Merleau-Ponty afirma que Weber não é revolucionário. Ele é um liberal que valoriza o entendimento. Mas a sabedoria política, em algum momento, se esbarra em situações-limites. O entendimento está em crise, pois não consegue dar conta das antinomias.

Já não estamos tão seguros das elaborações racionais da história que nos seduz para os caminhos da verdade e da liberdade. Mesmo inseguro, tal caminho é uma aposta na racionalidade, na discussão, no debate e no entendimento político. Mas uma saída pelo viés do entendimento está em crise. O que fazer? É possível juntar numa mesma roda de conversas liberais e comunistas? Um parlamento suporta as divergências de posições? Os conflitos são dissolvidos pelo entendimento?

O *Manifesto* afirma que os operários não possuem pátria. Eles precisam conquistar o poder político para poder adquirir aquilo que não têm. A esperança é que as demarcações e os antagonismos entre as classes desapareçam. Suprimindo a exploração do ser humano pelo ser humano, torna-se possível eliminar a exploração entre as nações. A existência social é definida pelas condições de vida e pelas relações sociais. Somente por meio de ideias revolucionárias, capazes de instaurar novas formas de condições de vida sem exploração, é possível dissolver os antagonismos de classes. É por essa razão que no *Manifesto* é proposto um desaparecimento desses antagonismos como forma radical de superar as diferenças de classes. Tudo se volta para que seja centralizado todos os instrumentos de produção na mão do Estado. Somente o proletariado se fazendo classe dominante pode destruir violentamente as antigas relações de produção.

Segundo o *Manifesto*, a liberdade e a justiça são verdades eternas que são comuns a todos os regimes sociais. Todavia, o comunismo quer abolir estas verdades eternas. Ele deseja banir a religião e a moral que carregam em seu seio verdades burguesas. Se existe conflito de classes ou antagonismos nas relações humanas, isso é identificado do ponto de vista histórico. Para Merleau-Ponty (2016, p. 31), “a história não é apenas um objeto diante de nós, distante de nós, fora de nosso alcance, é também suscitação de nós como sujeitos”. Desse modo, o entendimento precisa ser compreendido historicamente.

É preciso considerar o entendimento na trama da história. Segundo Merleau-Ponty (2016), quando Marx vai definir o sentido de capital, ele recorre à compressão de que o capital não é uma coisa, mas uma relação social que é mediada por coisas. Seguindo esse raciocínio, temos fatos históricos e temos narrativas dos fatos que exige uma interpretação, uma maneira de ver. Aquilo que é da ordem do espiritual se faz coisa, e as coisas se enchem de espírito. A trama da história é compreendida como o devir das significações transformadas em forças ou instituições. Desse modo, o marxismo se exige sempre como filosofia revolucionária. A filosofia não pode ficar em suas elaborações dogmáticas da história. Ela precisa constantemente fazer um retorno ao presente para se renovar e para se atualizar como um pensamento acerca do passado que se abre para o futuro.

No movimento de retorno, podemos constatar que a história não pode ser reduzida à história da economia. A função econômica nunca está desprovida de componentes religiosos, jurídicos ou moras (MERLEAU-PONTY, 2016). Existe um tornar-se sociedade da sociedade. E para Merleau-Ponty existe a sociedade capitalista e pré-capitalista. O corpo

O *Manifesto Comunista* e a dialética sem síntese de Merleau-Ponty

CAMINHA, Iraquitán de Oliveira

vivo dos humanos em razão de seu comportamento, que possui uma natureza expressiva, está mais perto de uma consciência do que a simples pedra lançada ao chão.

Antes mesmo de qualquer consciência de classe somos consciência encarnada no mundo da existência. Temos a história concebida, teorizada, mas temos a historicidade construída pelas relações humanas a partir de interesses, intenções e desejos de natureza coletiva e individual. A história nunca se constrói orientada por ideias exatas. Quando pensamos o ser humano em sociedade, logo poderíamos dizer existe exploração. Mas por que afirmar categoricamente isso? Tal afirmação advém meramente de elaborações de compreensões de Marx e dos marxistas sobre a história? A exploração é uma marca identificada quando pensamos a história do ponto de vista político.

A política e a história exigem ser pensadas de maneira dialética. A razão em seu trajeto político e histórico não escapa às situações de conflitos, tensões e lutas. É nesse sentido que Merleau-Ponty enxerga uma aventura da dialética. Um destino imprevisível e cheio de peripécias toma conta do trilhar dialético. Pensamos que Merleau-Ponty propõe uma espécie de dialética extraordinária que se associa ao próprio sentido dos encontros humanos que são marcados pelo rompimento com o ordinário, ganhando as asas do surpreendente. Não há acontecimentos históricos sem nossos encontros enigmáticos que nos exigem traduções.

Com quem caminhar para compreender a história do ponto de vista político? Com a razão, conforme propõe Marx? Ou com o entendimento, seguindo os passos de Weber? Somente com a razão podemos falar de totalidade. O entendimento nos faz configurar leituras parciais. Devemos recorrer a um poderoso sistema filosófico que tudo ver, ou a um limitado ponto de vista que só consegue ver facetas? A dialética está nos dois. Todavia, Marx insiste em não só contemplar a história, mas transformá-la na direção de superar as diferenças de classe. Já Weber insiste em não adotar uma posição revolução, fundada numa visão total da história. Seu modo de compreender a história é sempre por meio das costuras de entendimentos parciais.

A dialética precisa ser vista como uma aventura. Não se tem mapas precisos ou rotas bem estabelecidas. O que temos é caminhos tortuosos que nos fazem oscilar entre o todo e as partes. A história é inesgotável em suas diferentes perspectivas traçadas dialeticamente. A luta está presente tanto em Weber como em Marx. Por caminhos diferentes, ambos destacam a inevitável tensão na vida política que produz a história. Nem o liberalismo, nem tampouco o comunismo, podem criar leis ou princípios imutáveis para serem aplicados a qualquer situação política.

Merleau-Ponty não usa apenas a percepção para pensar o corpo que percebe o mundo. O modelo da percepção também é usado para pensar a história. Se o corpo percebe sempre em perspectiva, é esse mesmo corpo que percebe os fatos históricos em perspectiva. Seja como espetáculo ou como ação, a história é sempre marcada por diferentes horizontes. A história não é o puro desenvolvimento necessário da ideia de liberdade, seguindo os passos de um sentido propriamente hegeliano. Não existe liberdade sem lutas e tensões políticas.

Weber e Marx são vistos por Merleau-Ponty como mestres que nos põem a pensar. Se eles forem considerados como receitas para nos conduzirem nas lutas políticas, cairemos

O *Manifesto Comunista* e a dialética sem síntese de Merleau-Ponty

CAMINHA, Iraquitán de Oliveira

no atoleiro das idealizações. Precisamos lê-los como clássicos que nos fazem luz sobre nosso tempo. Por meio deles Merleau-Ponty nos aponta para uma aventura da dialética que nos leva para um todo imperfeito e inacabado. Merleau-Ponty (1991) propõe uma hiperdialética, que consiste em considerar a história uma unidade aberta. A história, que está em constante devir, se desenrola de forma conturbada sem possuir uma significação unívoca e desprovida de nossa experiência do mundo vivida. É partir dessa compreensão que Merleau-Ponty (1991) elabora a noção de uma dialética sem síntese. A dialética não é considerada pelo filósofo apenas como a relação contraditória e inseparável entre dois pensamentos. Ela é a relação de tensão entre uma forma de existir que se dirige para uma outra por meio de um vínculo que nunca deixa de ser um elo tensionado.

Merleau-Ponty está convencido de que não existe verdade última e absoluta no cenário da história e da política. Podemos falar aqui de verdades que constroem sentidos. Elas precisam ser constantemente interpretadas e reinterpretadas. Sempre percebemos o mundo em perspectiva. É dessa experiência que Merleau-Ponty vai buscar inspiração para falar da história e da política. Desse modo, é em vão buscar estabelecer uma síntese num movimento em que a própria história e a política se fazem sobre a base de uma tensão sem fim. Mas por que razão Marx insiste numa sociedade sem classes? Seria essa realização um horizonte permanente para se buscar efetivar uma sociedade que é apenas a realização de um futuro que nunca se alcança? Teria essa realidade uma natureza utópica?

Pelos caminhos do Manifesto, o proletariado tem uma missão histórica de negar absolutamente a divisão e a opressão entre as classes. O advento de uma sociedade sem classes é o que se espera. Há uma luta que se instaura por esta classe no confronto com seu adversário, que é a classe burguesa. Mesmo que tenhamos subdivisões internas entre essas duas classes extremadas, o fato é que temos lutas políticas que buscam a superação da exploração. Merleau-Ponty compreende que a consciência de classe não é apenas um estado da alma ou um conhecimento. Ela é fruto de uma *práxis*. Somente uma elaboração teórica não consegue dar conta de toda força revolucionária que visa à mudança. A *práxis* não está sujeita ao postulado de uma consciência puramente teórica. Ela exige que os humanos falem de sua vida concreta de opressão. A fala é um princípio ordenador que permite construções conscientes de que a vida está sendo explorada. As falas entre os trabalhadores permitem o intercâmbio de sofrimentos comuns. A *práxis* possibilita, por meio da fala, colocar os trabalhadores na condição de comunidade de comunicação. Trocas de experiências de vidas podem ordenar o sentido da ligação de uma vida comum entre o proletariado.

A comunicação permite o compartilhamento e a troca de aspectos percebidos da história em diferentes contextos políticos. Assim, o Partido, no sentido comunista, nasce com a função de congregar essa comunicação. Mas, nem por isso perde-se a possibilidade de cair no dogmatismo. O espaço de comunicação pode ser apenas o lugar de se centralizar poder e inviabilizar o intercâmbio de visões. A fala precisa circular. Pela fala, a verdade ganha força de expressão, elemento tão importante quando ela toma a forma de uma realização histórica.

A verdade contida no *Manifesto* não é uma verdade de conhecimento proposicional que visa estabelecer uma correspondência entre o dito e a realidade factual. Estamos nos referindo a uma verdade que precisa ser construída historicamente. Uma sociedade sem classes não está pronta. A política revolucionária precisa ser inventada. Mas como fazer o

O *Manifesto Comunista* e a dialética sem síntese de Merleau-Ponty

CAMINHA, Iraquitán de Oliveira

proletariado estar convencido de sua missão histórica? Quem se dispõe a dar um passo no desconhecido? O futuro por construir será um dia realizado?

A construção do por vir exige uma mobilização em direção da esperança. Ernst Bloch (2005) fala da necessidade de uma mola-mestre que servirá como um princípio guia para nosso agir. Esse princípio é a esperança como força de resistência que faz o ser humano acreditar que é possível construir algo novo. Ele nos faz manter o desejo de metamorfosear. Somos situados no aqui e agora, mas também somos abertura para o por vir.

Merleau-Ponty propõe uma visão da história como aberta e inacabada. Precisamos reconhecer que somos corpos situados no mundo que temos várias experiências de modos de vida. Precisamos prosear. Falar de nossas certezas, dúvidas, conquistas e angústias. Não temos mapas seguros que possam nos guiar. Temos apenas algumas rotas que podem nos ajudar a construir. Temos apenas referências para manter acesa a chama da esperança de se ter dias melhores.

O *Manifesto* pode ser visto como um legado, apontando um horizonte ou uma alternativa para superar a exploração entre os humanos. Todavia, esse legado não é o único. Haverá sempre um conflito de ideias, opiniões, estilos de vida, prosas. Merleau-Ponty (1968) diz que a violência é nosso destino enquanto estamos encarnados. Não temos como escapar dela. Podemos escolher formas de violência, mas não podemos decidir viver sem nenhuma forma de violência. Não foi o liberalismo e nem tampouco os comunistas que a inventaram. Ela se impõe na história. Basta ver suas imagens registradas nas diferentes histórias dos seres humanos.

Reconhecer que a dialética é sem síntese na medida em que não é possível se livrar da tensão entre as diferentes prosas liberais e comunistas significa estarmos atentos para que uma dessas facetas não assuma a postura totalitarista e opressora. Hannah Arendt (1989) já nos alertou sobre esse perigo. Nem mesmo uma paz provisória elimina as divergências políticas. Os valores da justiça, liberdade, solidariedade, democracia, diálogo e respeito estão sempre ameaçados no embate de fazer prevalecer uma determinada forma de ver o mundo. Chegamos ao impasse de ter que admitir que não se instaura um governo sem violência.

A questão é: usar a violência com que propósito? Haveria uma violência revolucionária em prol do bem comum? Os seres humanos são capazes de prosear insistentemente para instaurar um governo fruto do diálogo? Não podemos esquecer o passado e ver que já experimentamos governos tiranos e opressores. Mas todos eles foram tentativas de fazer a história se fazer história de maneira concreta em nossas vidas.

Retomo aqui perguntas que já realizei: “Haveria um modelo republicano mais justo? O homem somente se torna mais humano num *ethos* republicano? Que república queremos? É possível uma república cosmopolita? É possível instituir ou manter uma república sem fazer uso da violência?” (CAMINHA, 2008).

O apelo de Merleau-Ponty para se pensar a história por meio de uma dialética sem síntese é movida pela necessidade de se historicizar os valores políticos. Não dá para fazer uma filosofia política no sentido de criar conceitos sem considerá-los no palco das lutas políticas travadas historicamente. Quem deseja uma sociedade mais livre e justa? Eu,

O *Manifesto Comunista* e a dialética sem síntese de Merleau-Ponty

CAMINHA, Iraquitán de Oliveira

particularmente, desejo. Mas sei que essa sociedade é uma construção utópica e histórica. Por essa razão, ela advém de lutas políticas firmadas nos mais diferentes estilos. Mas também ela precisa ser preservada no campo da esperança humana. Acredito na dinâmica da fala e dos sonhos. Sou um defensor de se falar e sonhar. Decisões devem ser tomadas nos interstícios de falas de contra falas. Não se constrói uma racionalidade sem que sejam considerados os entendimentos particulares e a construção de uma totalidade racional.

Grupos, ligas, partidos, associações podem ter em mente projetos para mudar a sociedade. Isso é legítimo. Penso que no aniversário de 200 anos de Karl Marx e de 170 anos do *Manifesto Comunista* temos algo a comemorar: a esperança de querer mudar a sociedade. Mas não consigo ver comemoração se esse documento estimula o totalitarismo e ameaça a democracia. Defender a democracia parece ainda ser um caminho possível para sermos mais humanos. Ela é a possibilidade de impedir a violência em nome de projetos absurdos que ameacem a liberdade e a justiça. Todavia, essa convicção não me tranquiliza, pois sei que o mundo da política é feito no conflito que nunca se dissolve. Haverá sempre antinomias. Haverá sempre o paradoxo. Isso é típico da vida humana em sociedade.

Não sou um militante de partido. Sou um professor universitário que confia na ciência. Mas reconheço que o entendimento não é feito apenas de zonas esclarecidas. Existem pontos sombrios. É por essa razão que aposto na dialética sem síntese de Merleau-Ponty para nos apontar o horizonte da prosa. Mas o que fazer com os que se fecham em suas certezas e não se dispõem a conversar? Nem só de convicção vive o ser humano, mas de aporias. Precisamos cuidar de nossas divergências. Acredito que isso seja possível por meio da fala. Temos um desafio pela frente: as falas acontecem hoje, sobretudo, de maneira fluida, muitas vezes sem fundamentos e com elaborações irresponsáveis, pelas redes sociais da internet. O nosso mundo não é apenas físico, social, cultural, psicológico, mas é também digital. No mundo das redes digitais parece haver falas, mas com pouquíssimos diálogos. Como considerar a dialética sem síntese para pensar a história e política no contexto das mídias digitais? Esse é um tema para outras discussões.

REFERÊNCIAS

AREDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto, Vol. I, 2005.
CAMINHA, Iraquitán de Oliveira. Humanismo e Terror segundo Merleau-Ponty: em que medida é possível tolerar a violência? In: **Saeculum**: Revista de História, João Pessoa, Jul/Dez 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Tradução de Álvaro Pina, e Ivana Jinkings. Organização e introdução de Osvaldo Coggiola. São Paulo: Boitempo, 2010.

O *Manifesto Comunista* e a dialética sem síntese de Merleau-Ponty
CAMINHA, Iraquitán de Oliveira

MERLEAU-PONTY, Maurice. **As aventuras da dialética**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Humanismo e Terror: ensaio sobre o problema comunista**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Le visible et l'invisible**. Paris, Gallimard, 1991.